

A SANTA SÉ



CARTAS APOSTÓLICAS DE LEÃO XIV

ITALIANO ▼



CARTA APOSTÓLICA

DESENHANDO NOVOS MAPAS DE ESPERANÇA

DO PAPA LEÃO XIV POR OCASIÃO DO
LX ANIVERSÁRIO DA DECLARAÇÃO CONCILIONÁRIA
GRAVISSIMUM EDUCATIONIS

1. Preâmbulo

1.1. Traçando novos mapas de esperança. O dia 28 de outubro de 2025 marca o 60º aniversário da Declaração Conciliar *Gravissimum Educationis* sobre a extrema importância e atualidade da educação na vida da pessoa humana. Com esse texto, o Concílio Vaticano II recordou à Igreja que a educação não é uma atividade acessória, mas constitui o próprio tecido da evangelização: é o modo concreto pelo qual o Evangelho se torna gesto educativo, relação e cultura. Hoje, diante de mudanças rápidas e incertezas desorientadoras, esse legado demonstra uma resiliência surpreendente. Onde as comunidades educativas se deixam guiar pela Palavra de Cristo, elas não recuam, mas se relançam; não erguem muros, mas constroem pontes. Elas reagem com criatividade, abrindo novas possibilidades de transmissão de conhecimento e significado nas escolas, universidades, formação profissional e civil, na pastoral escolar e juvenil e na pesquisa, pois o Evangelho não envelhece, mas "faz novas todas as coisas" (*Ap 21,5*). Cada geração o ouve como uma mensagem nova e regeneradora. Cada geração é responsável pelo Evangelho e por descobrir seu poder seminal e multiplicador.

1.2. Vivemos em um ambiente educacional complexo, fragmentado e digitalizado. Precisamente por isso, é sensato deter-nos e reorientar o nosso olhar para a "cosmologia da *paideia cristã*": uma visão que, ao longo dos séculos, soube renovar-se e inspirar positivamente todas as facetas multifacetadas da educação. Desde o início, o Evangelho gerou "constelações educativas": experiências humildes e potentes, capazes de interpretar os tempos, de preservar a unidade entre fé e razão, entre pensamento e vida, entre conhecimento e justiça. Nas tempestades, foram uma âncora de salvação; e nas calmarias, uma vela desfraldada. Um farol na noite para guiar a navegação.

1.3. A Declaração *Gravissimum Educationis* não perdeu nada de sua força. De sua recepção, emergiu um firmamento de obras e carismas que ainda hoje guiam o caminho: escolas e universidades, movimentos e institutos, associações leigas, congregações religiosas e redes nacionais e internacionais. Juntos, esses corpos vivos consolidaram um patrimônio espiritual e pedagógico capaz de navegar no século XXI e responder aos desafios mais urgentes. Esse patrimônio não é rígido: é uma bússola que continua a indicar o caminho e a falar da beleza do caminho. As expectativas hoje não são menores do que as muitas que a Igreja enfrentou há sessenta anos. Na verdade, elas se expandiram e se tornaram mais complexas. Diante dos muitos milhões de crianças em todo o mundo que ainda não têm acesso à escola primária, como não agir? Diante das dramáticas situações de emergência educacional causadas por guerras, migrações, desigualdades e diversas formas de pobreza, como não sentir a urgência de renovar nosso compromisso? A educação – como recordei na minha Exortação Apostólica *Dilexi te* – «é uma das mais altas expressões da caridade cristã» [1]. O mundo precisa desta forma de esperança.

2. Uma história dinâmica

2.1. A história da educação católica é a história do Espírito em ação. A Igreja é "mãe e mestra" [2] não por supremacia, mas por serviço: ela gera a fé e acompanha o crescimento na liberdade, assumindo a missão do Divino Mestre para que todos "tenham vida e a tenham em abundância" (*Jo 10,10*). Os estilos educativos que se sucederam demonstram uma visão do homem como imagem de Deus, chamado à verdade e ao bem, e um pluralismo de métodos a serviço dessa vocação. Os carismas educativos não são fórmulas rígidas: são respostas originais às necessidades de cada época.

2.2. Nos primeiros séculos, os Padres do Deserto ensinaram a sabedoria com parábolas e apotegmas; redescobriram o caminho do essencial, da disciplina da língua e da custódia do coração; transmitiram uma pedagogia do olhar que reconhece Deus em toda parte. Santo Agostinho, enxertando a sabedoria bíblica na tradição greco-romana, compreendeu que o mestre autêntico desperta o desejo da verdade, educa a liberdade para ler os sinais e ouvir a voz interior. O monaquismo levou adiante essa tradição nos lugares mais inacessíveis, onde durante décadas as obras clássicas foram estudadas, comentadas e ensinadas a tal ponto que, sem esse trabalho

silencioso a serviço da cultura, tantas obras-primas não teriam chegado aos nossos dias. «Do coração da Igreja», então, nasceram as primeiras universidades, que se revelaram desde as suas origens «um centro incomparável de criatividade e irradiação de conhecimento para o bem da humanidade» [3]. Em suas salas de aula, o pensamento especulativo encontrou, por meio da mediação das Ordens Mendicantes, a oportunidade de se estruturar solidamente e se expandir rumo às fronteiras da ciência. Muitas congregações religiosas deram seus primeiros passos nesses campos do conhecimento, enriquecendo a educação de maneiras pedagogicamente inovadoras e socialmente visionárias.

2.3. Ela se expressou de muitas maneiras. Na *Ratio Studiorum*, a riqueza da tradição escolástica se funde com a espiritualidade inaciana, adaptando um programa de estudos tão complexo quanto interdisciplinar e aberto à experimentação. Na Roma do século XVII, São José de Calasanz abriu escolas gratuitas para os pobres, percebendo que a alfabetização e a matemática são dignidade antes mesmo da competência. Na França, São João Batista de La Salle, "percebendo a injustiça causada pela exclusão dos filhos de trabalhadores e camponeses do sistema educacional" [4], fundou os Irmãos das Escolas Cristãs. No início do século XIX, novamente na França, São Marcelino Champagnat se dedicou "de todo o coração, em uma época em que o acesso à educação continuava sendo privilégio de poucos, à missão de educar e evangelizar crianças e jovens" [5]. Da mesma forma, São João Bosco, com seu "método preventivo", transformou a disciplina em razoabilidade e proximidade. Mulheres corajosas, como Vicenza Maria López y Vicuña, Francesca Cabrini, Giuseppina Bakhita, Maria Montessori, Katharine Drexel ou Elizabeth Ann Seton, abriram caminhos para as meninas, os migrantes, os menos afortunados. Reitero o que afirmei claramente em Dilexi te: «A educação dos pobres, para a fé cristã, não é um favor, mas um dever» [6]. Esta genealogia da concretude testemunha que, na Igreja, a pedagogia nunca é teoria desencarnada, mas carne, paixão e história.

3. Uma tradição viva

3.1. A educação cristã é uma obra coral: ninguém educa sozinho. A comunidade educativa é um “nós” onde o professor, o aluno, a família, o pessoal administrativo e de serviço, os pastores e a sociedade civil convergem para gerar vida [7]. Este “nós” impede que a água estagne no pântano do “sempre se fez assim” e a obriga a fluir, a nutrir, a irrigar. O fundamento permanece o mesmo: a pessoa, imagem de Deus (*Gn 1,26*), capaz de verdade e de relação. Portanto, a questão da relação entre fé e razão não é um capítulo opcional: “a verdade religiosa não é apenas uma parte, mas uma condição do conhecimento geral” [8]. Estas palavras de São João Henrique Newman – a quem, no contexto deste Jubileu da Educação Mundial, tenho a grande alegria de declarar copadroeiro da missão educativa da Igreja juntamente com São Tomás de Aquino – são um convite a renovar o nosso compromisso com um conhecimento tão intelectualmente responsável e rigoroso quanto profundamente humano. Devemos também ter cuidado para não cair no iluminismo de uma *fides* que está exclusivamente em desacordo com a *ratio*. Devemos emergir do superficial recuperando uma visão empática, aberta a uma compreensão cada vez melhor de como a humanidade se entende hoje, a fim de desenvolver e aprofundar nosso ensinamento. Portanto, o desejo e o coração não devem ser separados do conhecimento: isso significaria quebrar a pessoa. As universidades e escolas católicas são lugares onde as perguntas não são silenciadas e a dúvida não é banida, mas apoiada. O coração, ali, dialoga com o coração, e o método é o da escuta, que reconhece o outro como um bem, não uma ameaça. *Cor ad cor loquitur* era o lema cardinal de São João Henrique Newman, retirado de uma carta de São Francisco de Sales: “É a sinceridade do coração, e não a abundância de palavras, que toca o coração dos homens.”

3.2. Educar é um ato de esperança e uma paixão que se renova porque manifesta a promessa que vemos no futuro da humanidade [9]. A especificidade, a profundidade e a amplitude da ação educativa é que o trabalho – tão misterioso quanto real – de «fazer florescer o ser [...] é cuidar da alma» como lemos na *Apologia de Sócrates de Platão* (30a-b). É uma «profissão de promessas»: prometem-se tempo, confiança, competência; prometem-se justiça e misericórdia, prometem-se a coragem da verdade e o bálsamo da consolação. Educar é uma tarefa de amor que se transmite de geração em geração, remendando o tecido rasgado das relações e restituindo às palavras o peso da promessa: «Todo homem é capaz da verdade, no entanto, o caminho é muito suportável quando se avança com a ajuda dos outros» [10]. A verdade procura-se em comunidade.

4. A bússola da educação Gravissimum

4.1. A declaração conciliar Gravissimum educationis reafirma o direito de todos à educação e identifica a família como a primeira escola da humanidade. A comunidade eclesial é chamada a apoiar ambientes que integrem fé e cultura, respeitem a dignidade de todos e dialoguem com a sociedade. O documento alerta contra qualquer redução da educação a uma formação funcional ou a um instrumento econômico: uma pessoa não é um “perfil de competências”, não se reduz a um algoritmo previsível, mas sim um rosto, uma história, uma vocação.

4.2. A formação cristã abrange a pessoa inteira: espiritual, intelectual, afetiva, social, corporal. Ela não opõe o manual ao teórico, a ciência ao humanismo, a técnica à consciência; em vez disso, exige que o profissionalismo seja habitado por uma ética, e que a ética não seja uma palavra abstrata, mas uma prática cotidiana. A educação não mede seu valor apenas no eixo da eficiência: ela o mede na dignidade, na justiça, na capacidade de servir ao bem comum. Esta visão antropológica integral deve permanecer a pedra angular da pedagogia católica. Ela – na esteira do pensamento de São João Henrique Newman – vai contra uma abordagem puramente comercialista que muitas vezes hoje força a educação a ser medida em termos de funcionalidade e utilidade prática [11].

4.3. Eses princípios não são memórias do passado. São estrelas fixas. Eles dizem que a verdade buscamos juntos; que a liberdade não é um capricho, mas uma resposta; que a autoridade não é dominação, mas serviço. No contexto educacional, não se deve “levantar a bandeira da posse da verdade, nem em relação à análise dos problemas, nem em sua resolução” [12]. Em vez disso, “é mais importante saber como abordá-los, em vez de dar uma resposta precipitada sobre por que algo aconteceu ou como superá-lo. O objetivo é aprender a enfrentar os problemas, que são sempre diferentes, porque cada geração é nova, com novos desafios, novos sonhos, novas perguntas” [13]. A educação católica tem a tarefa de reconstruir a confiança em um mundo marcado por conflitos e medos, lembrando que somos crianças e não órfãos: dessa consciência nasce a fraternidade.

5. A centralidade da pessoa

5.1. Colocar a pessoa no centro significa educar com a visão de longo prazo de Abraão (Gn 15,5): ajudar as pessoas a descobrir o sentido da vida, a dignidade inalienável, a responsabilidade para com os outros. A educação não é apenas transmissão de conteúdos, mas aprendizagem da virtude. Forma cidadãos capazes de servir e crentes capazes de testemunhar, homens e mulheres mais livres, não mais sozinhos. E a educação não se improvisa. Recordo com alegria os anos passados na querida Diocese de Chiclayo, as visitas à Universidade Católica de San Toribio de Mogrovejo, as oportunidades que tive de me dirigir à comunidade académica, dizendo: «Não se nasce profissional; todo o caminho universitário se constrói passo a passo, livro a livro, ano a ano, sacrifício a sacrifício» [14].

5.2. A escola católica é um ambiente em que fé, cultura e vida se entrelaçam. Não é simplesmente uma instituição, mas um ambiente vivo em que a visão cristã permeia cada disciplina e cada interação. Os educadores são chamados a uma responsabilidade que vai além do contrato de trabalho: seu testemunho é tão valioso quanto suas lições. Por isso, a formação dos professores – científica, pedagógica, cultural e espiritual – é decisiva. Na partilha da missão educativa comum, é também necessário um percurso formativo comum, “inicial e permanente, capaz de captar os desafios educativos do momento presente e de fornecer instrumentos mais eficazes para os enfrentar [...]. Isto implica nos educadores uma disponibilidade para aprender e desenvolver conhecimentos, para renovar e atualizar metodologias, mas também para a formação e partilha espiritual e religiosa” [15]. E as atualizações técnicas não bastam: é necessário manter um coração que escuta, um olhar que encoraja, uma inteligência que discerne.

5.3. A família continua sendo o primeiro lugar da educação. As escolas católicas colaboram com os pais, não os substituem, porque “o dever da educação, especialmente da educação religiosa, recai sobre eles antes de qualquer outra pessoa” [16]. A aliança educativa exige intencionalidade, escuta e corresponsabilidade. Ela se constrói com processos, ferramentas e avaliações compartilhadas. É ao mesmo tempo um esforço e uma bênção: quando funciona, inspira confiança; quando falta, tudo se torna mais frágil.

6. Identidade e subsidiariedade

6.1. A educação *gravissimum* já é de grande importância reconhecida no princípio da subsidiariedade e no fato de que as circunstâncias variam de acordo com os diferentes contextos eclesiás locais. O *Concílio Vaticano II*, no entanto, articulou o direito à educação e seus princípios fundadores como universalmente válidos. Destacou as responsabilidades atribuídas tanto aos próprios pais quanto ao Estado. Considerou a oferta de uma educação que permita aos alunos “avaliar os valores morais com boa consciência” [17] um “direito sagrado” e solicitou às autoridades civis que respeitassem esse direito. Também alertou contra a subordinação da educação ao mercado de trabalho e à lógica muitas vezes rígida e desumana das finanças.

6.2. A educação cristã apresenta-se como uma coreografia. *Dirigindo-se aos estudantes universitários na Jornada Mundial da Juventude em Lisboa*, o meu falecido predecessor, o Papa Francisco, disse: «Sede protagonistas de uma nova coreografia que coloque a pessoa humana no centro; sede coreógrafos da dança da vida» [18]. Formar a pessoa «inteira» significa evitar comportamentos estanques. A fé, quando é verdadeira, não é «matéria» acrescentada, mas um sopro que oxigena todas as outras matérias. Assim, a educação católica torna-se fermento na comunidade humana: gera reciprocidade, supera reducionismos, abre-se à responsabilidade social. A tarefa hoje é ousar um humanismo integral que aborde as questões do nosso tempo sem perder a sua fonte.

7. Contemplação da Criação

7.1. A antropologia cristã é a base de um estilo educacional que promove o respeito, a orientação personalizada, o discernimento e o desenvolvimento de todas as dimensões humanas. Entre estas, a inspiração espiritual não é secundária, sendo realizada e fortalecida também pela contemplação da Criação. Este aspecto não é novo na tradição filosófica e teológica cristã, onde o estudo da natureza também tinha como propósito a demonstração dos vestígios de Deus (*vestigia Dei*) em nosso mundo. Nas *Collationes in Hexaemeron*, São Boaventura de Bagnoregio escreve que «O mundo inteiro é uma sombra, um caminho, uma pegada. É o livro escrito de fora (Ez 2,9), porque em cada criatura há um reflexo do modelo divino, mas misturado com a escuridão. O mundo é, portanto, um caminho semelhante à opacidade misturada com a luz; neste sentido, é um caminho. Assim como você vê como um raio de luz que entra por uma janela é colorido de acordo com as diferentes cores das diferentes partes do vidro, o raio divino se reflete diferentemente em cada criatura e assume propriedades diferentes» [19]. Isso também se aplica à plasticidade do ensino calibrado nos diferentes personagens que – em qualquer caso – convergem para a beleza da Criação e sua proteção. E os projetos educacionais exigem «inter e transdisciplinaridade exercida como sabedoria e criatividade». [20]

7.2. O esquecimento da nossa humanidade comum gerou divisões e violência; e quando a Terra sofre, os pobres sofrem ainda mais. A educação católica não pode permanecer em silêncio: deve unir a justiça social e ambiental, promover a moderação e estilos de vida sustentáveis e formar consciências capazes de escolher não apenas o que é conveniente, mas também o que é certo. Cada pequeno gesto – evitar o desperdício, escolher com responsabilidade, defender o bem comum – é alfabetização cultural e moral.

7.3. A responsabilidade ecológica não se limita a dados técnicos. Eles são necessários, mas não suficientes. O que é necessário é uma educação que envolva a mente, o coração e as mãos; novos hábitos, estilos comunitários, práticas virtuosas. A paz não é a ausência de conflito: é uma força gentil que rejeita a violência. Uma educação para a paz "desarmada e desarmante" [21] ensina-nos a depor as armas da palavra agressiva e do olhar crítico, para aprendermos a linguagem da misericórdia e da justiça reconciliada.

8. Uma constelação educacional

8.1. Falo de "constelação" porque o mundo educacional católico é uma rede viva e plural: escolas e faculdades paroquiais, universidades e institutos superiores, centros de formação profissional, movimentos, plataformas digitais, iniciativas de aprendizagem-serviço, escolas, universidades e ministérios culturais. Cada "estrela" tem seu próprio brilho, mas juntas traçam um curso. Onde antes havia rivalidade, hoje pedimos às instituições que convirjam: a unidade é a nossa força mais profética.

8.2. Diferenças metodológicas e estruturais não são fardos, mas recursos. A pluralidade de carismas, se bem coordenada, cria uma estrutura coerente e frutífera. Em um mundo interconectado, o jogo se desenrola em dois níveis: local e global. São necessários intercâmbios entre professores e alunos, projetos conjuntos entre continentes, reconhecimento mútuo de boas práticas, cooperação missionária e acadêmica. O futuro exige que aprendamos a colaborar mais, a crescer juntos.

8.3. As constelações refletem suas luzes em um universo infinito. Como um caleidoscópio, suas cores se entrelaçam, criando novas variações cromáticas. Isso se aplica às instituições educacionais católicas, que estão abertas ao encontro e à escuta da sociedade civil, das autoridades políticas e administrativas, bem como dos representantes dos setores produtivos e das categorias profissionais. São chamadas a colaborar ainda mais ativamente com elas para compartilhar e aprimorar os programas educacionais, de modo que a teoria seja sustentada pela experiência e pela prática. A história também ensina que nossas instituições acolhem alunos e famílias que não são crentes ou de outras religiões, mas desejam uma educação verdadeiramente humana. Por isso — como já acontece — devemos continuar a promover comunidades educacionais participativas, nas quais leigos, religiosos, famílias e alunos compartilhem a responsabilidade pela missão educativa com instituições públicas e privadas.

9. Navegando em novos espaços

9.1. Há sessenta anos, a Gravissimum Education inaugurou uma nova era de confiança: incentivou a atualização de métodos e linguagens. Hoje, essa confiança é medida pelo ambiente digital. As tecnologias devem servir às pessoas, não substituí-las; devem enriquecer o processo de aprendizagem, não empobrecer relacionamentos e comunidades. Uma universidade e escola católicas sem visão correm o risco de uma eficiência sem alma, de uma padronização do conhecimento, que por sua vez leva ao empobrecimento espiritual.

9.2. Para habitar esses espaços, é necessária criatividade pastoral: fortalecer a formação de professores, incluindo a formação digital; valorizar o ensino ativo; promover a aprendizagem-serviço e a cidadania responsável; evitar toda tecnofobia. Nossa atitude em relação à tecnologia nunca pode ser hostil, porque "o progresso tecnológico faz parte do plano de Deus para a criação" [22]. Mas requer discernimento no planejamento do ensino, na avaliação, nas plataformas, na proteção de dados e na igualdade de acesso. Em todo caso, nenhum algoritmo pode substituir o que torna a educação humana: a poesia, a ironia, o amor, a arte, a imaginação, a alegria da descoberta e até mesmo aprender a errar como oportunidade de crescimento.

9.3. O ponto crucial não é a tecnologia, mas como a usamos. A inteligência artificial e os ambientes digitais devem ser orientados para a proteção da dignidade, da justiça e do trabalho; devem ser regidos por critérios de ética pública e participação; devem ser acompanhados por uma reflexão teológica e filosófica adequada. As universidades católicas têm uma tarefa crucial: oferecer uma "diaconia da cultura", menos cátedras e mais mesas onde possamos sentar juntos, sem hierarquias desnecessárias, para tocar as feridas da história e buscar, no Espírito, a sabedoria que nasce da vida dos povos.

10. A Estrela Polar do Pacto Educacional

10.1. Entre as estrelas que guiam o nosso caminho está o *Pacto Global pela Educação*. Abraço com gratidão este legado profético que nos foi confiado pelo Papa Francisco. É um convite a formar alianças e redes para educar para a fraternidade universal. Os seus sete caminhos continuam a ser o nosso fundamento: colocar a pessoa no centro; ouvir as crianças e os jovens; promover a dignidade e a plena participação das mulheres; reconhecer a família como educadora primária; abrir-nos à acolhida e à inclusão; renovar a economia e a política a serviço da humanidade; proteger a nossa casa comum. Estas "estrelas" inspiraram escolas, universidades e comunidades educativas em todo o mundo, gerando processos concretos de humanização.

10.2. Sessenta anos após o Gravissimum Educationis e cinco anos após o Pacto, a história nos desafia com uma nova urgência. Mudanças rápidas e profundas expõem crianças, adolescentes e jovens a fragilidades sem precedentes. Não basta conservar: é preciso revitalizar. Peço a todas as instituições educacionais que inaugurem uma nova era que fale ao coração das novas gerações, conciliando conhecimento e significado, competência e responsabilidade, fé e vida. O Pacto faz parte de uma Constelação

Educacional Global mais ampla: carismas e instituições, embora diversos, formam um plano unificado e luminoso que guia nossos passos na escuridão do tempo presente.

10.3. Aos sete caminhos, acrescento três prioridades. A primeira diz respeito à vida interior: os jovens exigem profundidade; precisam de espaços de silêncio, discernimento e diálogo com a sua consciência e com Deus. A segunda diz respeito à digitalização humana: educamos para o uso sábio da tecnologia e da IA, colocando a pessoa antes do algoritmo e harmonizando a inteligência técnica, emocional, social, espiritual e ecológica. A terceira diz respeito ao desarmamento e à paz desarmada: educamos para linguagens não violentas, reconciliação, pontes, não muros; "Bem-aventurados os pacificadores" (*Mt 5,9*) torna-se o método e o conteúdo da aprendizagem.

10.4. Estamos cientes de que a rede educacional católica tem uma capilaridade única. É uma constelação que alcança todos os continentes, com uma presença particular nas áreas de baixa renda: uma promessa concreta de mobilidade educacional e justiça social [23]. Essa constelação exige qualidade e coragem: qualidade no planejamento pedagógico, na formação de professores, na governança; coragem em garantir o acesso aos mais pobres, em apoiar famílias vulneráveis, em promover bolsas de estudo e políticas inclusivas. A generosidade evangélica não é retórica: é um estilo de relacionamento, um método e um objetivo. Onde o acesso à educação continua sendo um privilégio, a Igreja deve abrir as portas e inventar caminhos, porque "perder os pobres" equivale a perder a própria escola. Isso também se aplica à universidade: uma visão inclusiva e o cuidado do coração, salvo da padronização; o espírito de serviço reanima a imaginação e reacende o amor.

11. Novos Mapas da Esperança

11.1. No sexagésimo aniversário do *Gravissimum Educationis*, a Igreja celebra uma história educacional frutífera, mas também enfrenta o imperativo de atualizar suas propostas à luz dos sinais dos tempos. As constelações educacionais católicas são uma imagem inspiradora de como tradição e futuro podem se entrelaçar sem contradição: uma tradição viva que se estende em direção a novas formas de presença e serviço. As constelações não podem ser reduzidas a conexões neutras e achadas de experiências diversas. Em vez de correntes, ousamos pensar em constelações, em seu entrelaçamento cheio de maravilha e despertar. Nas residem a capacidade de navegar pelos desafios com esperança, mas também com revisão corajosa, sem perder a fidelidade ao Evangelho. Estamos cientes dos desafios: a hiperdigitalização pode destruir a atenção; a crise dos relacionamentos pode prejudicar a psique; a insegurança social e a desigualdade podem extinguir o desejo. No entanto, precisamente aqui, a educação católica pode ser um farol: não um refúgio nostálgico, mas um laboratório de discernimento, inovação pedagógica e testemunho profético. Desenhar novos mapas de esperança: esta é a urgência do mandato.

11.2. Peço às comunidades educativas: desarmem as palavras, levantem o olhar, guardem o coração. Desarmem as palavras, porque a educação não avança pela polêmica, mas pela mansidão que escuta. Levantem o olhar. Como Deus disse a Abraão: "Olhem para o céu e contem as estrelas" (*Gn 15,5*): saibam perguntar-se para onde vão e por quê. Guardem o coração: a relação vem antes da opinião, a pessoa antes do programa. Não percam tempo e oportunidades: "para citar uma expressão agostiniana: o nosso presente é uma intuição, um tempo que vivemos e que devemos aproveitar antes que nos escape das mãos" [24]. Para concluir, queridos irmãos e irmãs, faço minha a exortação do apóstolo Paulo: "Vocês devem brilhar como astros no mundo, retendo firmemente a palavra da vida" (*Ff 2,15-16*).

11.3. Confio este caminho à Virgem Maria, *Sedes Sapientiae*, e a todos os santos educadores. Peço aos pastores, consagrados, leigos, responsáveis institucionais, professores e estudantes: sede servidores do mundo educativo, coreógrafos da esperança, incansáveis buscadores de sabedoria, criadores credíveis de expressões de beleza. Menos rótulos, mais histórias; menos oposições estéreis, mais sinfonia no Espírito. Então a nossa constelação não só brilhará, mas guiará: para a verdade que liberta (cf. *Jo 8, 32*), para a fraternidade que consolida a justiça (cf. *Mt 23, 8*), para a esperança que não desilude (cf. *Rm 5, 5*).

*Basílica de São Pedro, 27 de outubro de 2025,
véspera do 60º aniversário*

LEÃO PP. XIV

[1] LEÃO XIV, Exortação Apostólica *Dilexi te* (4 de outubro de 2025), n. 68.

[2] Cf. JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra* (15 de maio de 1961).

[3] JOÃO PAULO II, Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae* (15 de agosto de 1990), n. 1.

[4] LEÃO XIV, Exortação Apostólica *Dilexi te* (4 de outubro de 2025), n. 69.

[5] LEÃO XIV, Exortação Apostólica *Dilexi te* (4 de outubro de 2025), n. 70.

[6] LEÃO XIV, Exortação Apostólica *Dilexi te* (4 de outubro de 2025), n. 72.

[7] CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Instrução “A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo” (25 de janeiro de 2022), n. 32.

[8] JOHN HENRY NEWMAN, *A Ideia de Universidade* (2005), p. 76.

[9] Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Instrumentum laboris Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova (7 de abril de 2014), Introdução.

[10] SE Mons. ROBERT F. PREVOST, OSA, *Homilia na Universidade Católica de Santo Toribio de Mogrovejo* (2018).

[11] Ver JOHN HENRY NEWMAN, *Escritos sobre a Universidade* (2001).

[12] LEÃO XIV, Audiência aos membros da Fundação Centesimus Annus Pro Pontifice (17 de maio de 2025).

[13] *Ibidem*.

[14] SE Mons. ROBERT F. PREVOST, OSA, *Homilia na Universidade Católica de Santo Toribio de Mogrovejo* (2018).

[15] CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Carta circular Educar juntos nas escolas católicas (8 de setembro de 2007), n. 20.

[16] Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, Gaudium et spes (29 de junho de 1965), n. 48.

[17] SEGUNDO CONSELHO ECUMÊNICO VATICANO, Declaração Gravissimum educationis (28 de outubro de 1965), n. 1.

[18] PAPA FRANCISCO, Discurso aos estudantes universitários por ocasião da Jornada Mundial da Juventude (3 de agosto de 2023).

[19] SAN BONAVENTURA DA BAGNOREGIO, *Collationes in Hexaemeron*, XII, in *Opera Omnia* (editado por Peltier), Vivès, Parigi, t. IX (1867), pp.

[20] PAPA FRANCISCO, Constituição Apostólica Veritatis gaudium (8 de dezembro de 2017), n. 4c.

[21] LEÃO XIV, Saudação da Loggia central da Basílica de São Pedro após a eleição (8 de maio de 2025).

[22] DICASTÉRIO PARA A DOUTRINA DA FÉ E DICASTÉRIO PARA A CULTURA E A EDUCAÇÃO, Nota Antiqua et nova (28 de janeiro de 2025), n. 117.

[23] Ver Anuário Estatístico da Igreja (atualizado até 31 de dezembro de 2022).

[24] SE Mons. ROBERT F. PREVOST, OSA, *Mensagem à Universidade Católica de Santo Toribio de Mogrovejo por ocasião do 18º aniversário da sua fundação* (2016).

Copyright © Dicastério para a Comunicação - Editora Vaticano



A SANTA SÉ